

Professor acha que sabe ensinar bem

ELIANE BARDANACHVILI

Professores e diretores das escolas do país estão passando longe — e não percebem — de seu objetivo real: ensinar bem. A prova está nos resultados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), que, desde 1990, trabalha sobre informações colhidas em 3.779 escolas de 23 estados, através de questionários respondidos por 11 mil professores e diretores e testes aplicados em 113 mil alunos. O levantamento foi refeito no ano

passado e a nova tabulação de dados está prestes a ser concluída.

Conduzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), em Brasília, o Saeb flagrou uma distância grande entre o que os professores e diretores *acham que fazem* — uma educação aberta, democrática, criativa e eficiente — e o que oferecem, de fato, a seus alunos — um ensino tradicional, restrito e, na maioria das vezes, precário. A segunda avaliação, de abrangência parecida e que deverá estar tabulada até o fim do

mês que vem, já aponta que o quadro pouco se modificou.

'Pistolão' — O primeiro trabalho do Inep revelou que mais da metade do magistério de 1º grau adquiriu o direito de entrar na escola por indicação — o popular *pistolão* —, de políticos (15%) e técnicos (38%), e não por concurso público. “Este dado foi apurado no segundo levantamento, mas ainda não está tabulado”, conta o coordenador nacional do Saeb, Orlando Pilati. “O índice deve ter se alterado, mas, com certeza, ainda existem

muitos professores e diretores na rede sem concurso”.

Os males do ensino estão não só na sala de aula, como na sala do diretor. De acordo com o Saeb, os diretores mostraram que lidam com a escola de forma burocrática e usam indicadores equivocados para definir se ela vai bem ou mal. Para a maioria, o “desempenho da direção” é a melhor forma de medir a qualidade da escola, enquanto itens como índice de repetência e de evasão dos alunos — verdadeiros termômetros da eficiência do ensino — foram quase ignorados.

Tarefas burocráticas

Os diretores das escolas que passaram pelo crivo do Saeb afirmaram desempenhar com mais frequência tarefas burocráticas do que a supervisão do trabalho dos professores. Eles pouco percebem, também, a importância da autonomia administrativa — última palavra em administração escolar, para os especialistas. Para os diretores, a falta de autonomia foi apontada como o problema que menos atrapalha a escola, enquanto “a baixa quantidade de material didático” foi considerado o problema maior.

“De forma geral, o diretor não assume como suas as funções que mais têm a ver com seu cargo”, diz Pilati, ressaltando que as constatações do Saeb não visam a criticar mas indicar pontos que devem ser atacados para melhorar a educação brasileira. “É preciso parar e avaliar para onde vão os que se formam em administração escolar nas universidades, já que eles não estão nas escolas”.

Fazer um *mea culpa* pelo fracasso escolar não está nos planos dos profissionais de ensino: 73% dos professores declararam “dominar muito” os conteúdos das disciplinas; 52%, ter “domínio do planejamento de ensino”; e 77%, conhecer bem temas ligados à relação professor-aluno”.

Os alunos desses mesmos professores, no entanto, confirmam que a teoria na prática é outra. O Saeb aplicou testes de Português, Matemática e Ciências, em turmas de 1ª, 3ª, 5ª e 7ª séries, que tinham à frente os professores que responderam os questionários. Os resultados foram pouco animadores. Apenas entre 30% e 36% dos

DESEMPENHO PIORA

Média dos alunos em Matemática:

1ª série	51,6
3ª série	46,5
5ª série	30,8
7ª série	28,8

NA SALA DE AULA

Exercícios no quadro-negro	74,0%
Exposição oral da matéria	65,6%
Livro didático	43,8%
Produção dos alunos	28,8%
Textos do professor	24,4%

conteúdos das disciplinas examinadas foram atingidos. O domínio completo foi obtido por menos de um em cada mil estudantes, um desempenho qualitativo “extremamente baixo”, na avaliação de Orlando Pilati.

Quanto mais avançada a série, piores os resultados. Os testes mostraram que as médias obtidas na 1ª e 3ª séries foram maiores do que as registradas na 5ª e 7ª. “O aluno com problemas nas primeiras séries, onde deixa de apreender cerca de 50% do mínimo necessário, vê se estreitarem as possibilidades de assimilar novos conhecimentos”, interpreta Pilati. “Quem superou as primeiras séries, em vez de melhorar a aprendizagem nas mais avançadas, tem as chances reduzidas pela precariedade do processo de ensino”.

Conteúdo dos cursos é fraco

Dois aspectos flagrados na avaliação do Inep trazem, ao mesmo tempo, um lado bom e um ruim. O acesso à escola já é praticamente universal e contempla 95% das crianças. A quantidade de cursos de reciclagem é grande e a frequência dos professores a eles tem índice alto. O levantamento mostrou que os docentes dispendem 193 horas em cursos de reciclagem, por cada cinco anos, média considerada alta.

Esses dados, aparentemente animadores, no entanto, revelaram-se insuficientes. “A escola é acessível à maioria da população, mas não está cumprindo seu objetivo. Avançamos em termos de quantidade, com atendimento satisfatório, mas em termos de qualidade pouco se fez”, avalia Orlando Pilati. “Em relação aos cursos de professores, os conteúdos voltam-se mais para a recuperação das deficiências do professor do que para aperfeiçoar seus conhecimentos pedagógicos”.

Para Pilati, “os professores podem ter um ideário progressista, mas sua prática é acomodada”. Segundo ele, 64% disseram optar pela tradicional exposição oral da matéria e 74% pelos exercícios no quadro-negro, contra porcentagens bem menores em itens que sugerem mais criatividade, como estimular a produção dos alunos (28%). Para os docentes fatores externos como miséria da população e falta de apoio das famílias aos alunos, são os únicos responsáveis pelo fracasso escolar. O item “despreparo do professor” quase não teve votos.